Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

MARTINS, M.; C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M.; T. Didática do ensino da arte: A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998. NEVES, Renato de Souza. A estética de Lukács. Um olhar sobre o homem e o mundo por meio da obra de arte. 2011. 50 folhas. Monografia. (graduação) Universidade de Brasilia, Brasília, 2011.

NUNES, Vera. O papel das emoções na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, educação e cultura. Santa Maria: UFSM, 2007 OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

PEREIRA, C. J. T. A Formação do Professor Alfabetizador: desafios e possibilidades na construção da prática docente. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO,

2011. Disponível em:http://www.mestradoeducacao.unir.br/downloads/1630_dissertacao_claudia_just os.pdf. Acesso em: 30 julho 2022.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. RODRIGUES, Luis G.C e MARTINS, João Luis. Recreação: trabalho sério e divertido. São Paulo: ícone, 2002.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo:

Ática, 1987.

RONCA, P.A.C. A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo :

Edisplan, 1989.

SANTOS, S. M. P. Educação, arte e jogo. Petrópolis: Vozes, 2006.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: sucata vira brinquedo. Petrópolis: Vozes, 1997.

VASCONCELLOS, C.S. Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertat, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri. Psicologia e Educação. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

NEUROPSICOPEDAGOGIA COMO FERRAMENTA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

KARINA MARTINEZ SILVA

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre as dificuldades de aprendizagem em seus diversos aspectos, inclusive sociais. Neste estudo discutimos sobre o uso dos conhecimentos da neuropsicopedagogia e a prática do professor em sua relação dialógica com todos os atores da comunidade escolar, propondo formas de planejamento para uma educação de qualidade social, visto que as instituições escolares estão conscientes de seu papel social, porém cabe a reflexão para a necessidade de profissionais da educação iniciarem trabalhos significativos com seus educandos a fim de observar cada situação e auxiliar na resolução de problemas enfrentados no cotidiano. Em meio a tantas influências que rodeiam os educandos convém que a instituição escolar continue oferecendo o acolhimento.

Palavra-chave: Educação; Planejamento; Alfabetização; Qualidade; Avaliação .

INTRODUÇÃO

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida. (John Dewey)

Para muitos estudiosos o problema da escola hoje é não sabermos o que os alunos não sabem. Conclama a todos para investigarem, observarem detalhadamente como os alunos leem, escrevem, resolvem exercícios, apresentam suas dúvidas, relacionam-se entre si. Cada professor deverá construir parâmetros de qualidade sobre os quais pautará suas observações e fará as intervenções necessárias.

Muitos defendem avaliações mais rigorosas na educação básica como forma de melhorar a qualidade. Este também é o discurso de grande maioria dos professores universitários. Porém não é o que se pratica. Qualidade em educação básica significa escola para todos: acesso pleno à escola, continuidade de estudos e com qualidade além de tempo suficiente para que o aluno se desenvolva e adquira uma formação básica.

A universidade precisa investir na formação de pesquisadores, escritores, educadores, artistas, pensadores. No Brasil o

processo de avaliação no ensino superior também está defasado em relação aos estudos internacionais.

A compreensão do aluno se dá através do diálogo com o aluno, seus familiares, seus amigos e colegas, todos os profissionais da escola, constantemente, continuamente, não somente em momentos pontuais como os Conselhos de Classe. É preciso partilhar diversos olhares, criar espaços e tempos nas instituições. É preciso também ressignificar esses tempos e espaços para que as relações estabelecidas levem a dinâmicas que efetivamente envolvam professores e alunos.

Encontrar registros e arquivos de aprendizagem dos alunos é uma tarefa muito difícil, pois as escolas, em sua maioria, registram notas e conceitos ao final do período letivo ou pareceres atitudinais.

Temos uma imagem empobrecida da língua escrita, e preciso reintroduzir a escrita como sistema de representação da linguagem. Atrás de uma imagem empobrecida da criança, há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

A escrita é um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e não um produto escolar. As atividades de interpretação e de produção de escrita começam antes da escolarização; aprendizagem se insere em um sistema de concepções previamente elaboradas e não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras.

O escrito aparece para a criança, como objeto com propriedades especificas e como suporte de ações e intercâmbios sociais. Alguns exemplos nos mais variados contextos: letreiros, embalagens, TV, roupas, periódicos etc.

Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais através de um prolongado processo construtivo.

As crianças elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos, ideias estas que não podem ser atribuídas a influência do meio ambiente.

Para estabelecer as condições de legibilidade ou de utilizar a informação fornecida por um adulto em um ato de leitura, vimos como aparecem ideias propriamente infantis construções originais e não meras copias das informações adultas.

Tais construções aparecem antes e depois que as letras se vinculem a representação de aspectos parciais e formais da fala. Antes, estabelecem a correspondência entre a quantidade de letras e certas propriedades do objeto.

Antes das interações adulto-adulto, adulto-criança e crianças entre si, criam-se as condições para inteligibilidade dos símbolos. A experiencia com leitores de textos informa sobre a possibilidade de interpretação e sobre as ações pertinentes, convencionalmente estabelecidas.

A distância da informação que separa um grupo social do outro não pode ser atribuída a fatores puramente cognitivos. Esta distância diminui quando o que está em jogo é o raciocínio da criança, aumenta quando se necessita contar com informações precisos do meio.

II- DESENVOLVIMENTO

O projeto da escola envolve o que os educadores se propõem, a intenção, a visualização desse desejo no contexto do trabalho, da sociedade, dos limites impostos pela legislação, pelos recursos materiais, humanos, e também dos elementos facilitadores de sua realização; a tradução desse desejo em objetivos e metas viáveis nas condições existentes; o registro da proposta e de sua execução, o caminhar realizador com a ajuda da avaliação contínua do caminho percorrido, a percorrer, corrigindo e refazendo trilhas sempre que necessário.

O projeto deve ser visto como um elemento intrinsicamente datado, localizado, decorrente e determinante do processo educativo. Não há projeto para uma indeterminada escola, nem dois projetos iguais, pois não há escolas iguais. Cada escola é uma organização peculiar. Seu processo e produto são humanos. A estrutura escolar estabelecida é comum a todas as escolas, porém cada uma delas carrega a diferença oriunda da sua organização humana. Esta é constituída por alunos, pais, funcionários, gestores, assessores pedagógicos e administrativos.

As atitudes, postura das pessoas que, de uma forma ou outra, estão ligadas à escola ou que ocupam diferentes posições na estrutura escolar e desempenham, em função destas, papéis específicos, são variáveis determinantes para a atuação e resultados da escola. Cabe aos sujeitos detectar, investigar e propor alternativas de solução para os problemas. Existem muitas variáveis, tais como o tipo de escola, os cursos que oferece, a quantidade de recursos dos quais dispõe, a política educacional existente, o grau de valorização da escola pelo contexto social onde está instalada e outras. Partimos do pressuposto de que a ação dos seus sujeitos é uma variável fundamental e fortemente direcionada pelo paradigma de gestão adotado.

A questão central do trabalho de investigação realizado por Vygotsky na presente obra é a relação entre o pensamento e a palavra. Suas descobertas apontaram para o fato de que no início do desenvolvimento do pensamento e da palavra, período pré-histórico na existência do pensamento e da linguagem, não revela nenhuma relação

e dependência entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra. É na constituição histórica da consciência humana que essas relações surgem, configurando-se como produto e não premissa da formação do homem. O pensamento e a palavra não se ligam por um vínculo primário, entretanto, não se pode pensar pensamento e linguagem como dois processos em relação externa entre si.

A unidade que reflete de forma mais simples a unidade entre pensamento e linguagem é o significado da palavra. É uma unidade indecomponível de ambos os processos, e não se pode que seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. Podemos, a esta altura, considerar a palavra como fenômeno de discurso.

Também é um fenômeno do pensamento, uma vez que generalização e significado são a mesma coisa. O fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente é a unidade da palavra com o pensamento. O que foi posteriormente descoberto, entretanto, passou a ser o principal resultado das investigações de Vygotsky.

O novo e essencial para a pesquisa no campo do pensamento e da linguagem é a descoberta de que os significados das palavras se desenvolvem. Dessa forma, tornou-se possível superar um velho conceito da Psicologia, o postulado de constância e imutabilidade da palavra. Tal postulado servira de base a todas as teorias anteriores do pensamento e da linguagem. Tanto para a teoria associativa quanto para a psicologia estrutural.

Consequentemente muitas são as teorias, discordâncias, ideias e pensamentos sobre o assunto. Mas o livro em questão visa defender primordialmente a educação inclusiva como restruturação das escolas de modo a atenderem a todos que dela se utilizam. Como tudo na vida, há de se evidenciar a evolução histórica sobre os mais diversos conceitos de educação que vem se diversificando calcado sobretudo, na Paideia (educação integral), tentava aliar o desenvolvimento intelectual ao desenvolvimento do corpo. Substancialmente no decorrer dos séculos, dado a constante mutatividade cultural. Da mesma maneira, tais exclusões sociais, ocorreram na Idade Média, onde absorvidos pela descomunal influência do cristianismo, o Paideia era permitido tão somente a nobreza e membros do clero e também pelo próprio clero desenvolvidos, sistematizados e reproduzidos. Foi a partir da Revolução Francesa que se iniciou os primeiros passos para a evolução dos conceitos restritivos de socialização ocorreu somente com a Revolução Francesa, protagonizada pelos burgueses restringia acessos, porque era centralizada no poder, com ênfase na educação para governar.

O paradigma de gestão democrática caracterizado pela ação participativa, pelo compartilhar responsabilidade, pode e dever, pela integração da comunicação, pela troca de ideias, saberes, experiencias, pelo envolvimento da comunidade interna e externa à escola possibilita o diálogo e a união dos sujeitos tornando-os uma equipe.

Logo, esse paradigma facilita o envolvimento e empenho de toda a organização humana da escola na construção de um projeto político-pedagógico que sintetize as expectativas e com melhores condições de ser viabilizado, porque fruto de uma ação não só coletiva, mas integrada e compartilhada.

Em síntese, fazer um projeto pressupõe o querer, o saber fazer e o fazer propriamente dito. Há que se ter clareza e coragem para assumir individualmente e, no todo da escola, a etapa na qual os seus educadores se encontram.

De nada bastará o querer fazer, se não se souber como e isso apenas será descoberto fazendo. Será fadado ao insucesso fazer unicamente por exigência legal. Querer e ter competência para o fazer só aparecem com a ação. Belas e boas ideias se perdem quando não operacionalizadas, quando não colocadas em prática.

Isoladamente, por mais nobres que sejam as intenções, dificilmente se conseguirá elaborar a proposta pedagógica. É difícil uma ação compartilhada na escola sem a reunião coletiva de todo o seu real coletivo, difícil a formação de uma equipe sem a predisposição individual para isso. A gestão escolar deve ser propícia ao desenvolvimento das três dimensões. Gestão autoritária, diferentemente da gestão democrática, estimula o trabalho individual, a ação isolada, a fragmentação do trabalho na escola, logo, inviabiliza a construção do projeto pedagógico mesmo em escolas de pequeno porte e dificulta a sua transformação em um ambiente educativo.

O paradigma de gestão assumido pela escola não depende apenas de quem a dirige, porém de todos, e especial dos professores, os quais, como parte de um grupo mais organizado, apresentam melhores condições para estimular a organização dos outros segmentos e consequentemente a ação compartilhada, sem a qual não se faz projeto e se dificulta a instalação de uma cultura escolar diferenciada.

A escola tem um ambiente verdadeiramente educativo quando o ensinar e aprender ocorrem com naturalidade, espontaneidade e prazer, quando a busca de uma educação continuada é percebida internamente por todos, gestores, professores, pais, funcionários, alunos.

Quando todos se mostram imbuídos do mesmo objetivo e agem cotidianamente para alcançá-lo, procurando desempenhar de modo extraordinário as suas ações ordinárias, sem medo de ousar, discutir, analisar

e decidir, sem lamentar a falta de recursos, mas utilizando criativamente os recursos existentes na escola, sem procurar responsáveis pelos insucessos, mas se unindo e perseverando na busca do sucesso, tem-se indicadores de que ela está se tornando um ambiente educativo.

Ciente de que muitos pais não se preocupam em saber como está o desenvolvimento social e intelectual de seus filhos, a escola promove conselhos participativos e inúmeras reuniões no decorrer do ano letivo para que a família e a escola estejam ligadas em parceria para a formação de um cidadão.

As escolas procuram um diálogo com a família a fim de conhecer o meio em que seu aluno está inserido para que possa atender melhor o educando e para que a família esteja mais presente nas atividades escolares.

Infelizmente, a colaboração da família nem sempre corresponde às expectativas das instituições de ensino.

As maneiras de interação entre família e o espaço escolar não se constituem apenas em reuniões que visam a união de ambas para resolver um determinado problema, mas são constituídas também de festas e comemorações que visam estabelecer relações entre as mesmas para alcançar um determinado objetivo.

É comum ver as escolas cheias de pais em uma festa junina, porém mais comum ainda é ver turmas grandes em seus conselhos participativos com dois ou três pais presentes. Casos diversos poderiam justificar a falta de alguns pais, mas não há como negar.

É relevante que não há como fazer com que todos os pais compareçam à escola para cooperar com a mesma em prol de seu filho, entretanto a escola precisa permanecer firme, lutando pelos seus ideais e persistindo em fazer dos pais grandes aliados aos processos de humanização dos seus filhos construídos na mesma.

É dever da escola estar próxima da comunidade escolar para poder auxiliar seus alunos da melhor maneira possível, conhecendo o contexto onde o aluno encontra-se inserido.

Em casos de violência, é por meio da escola que o aluno consegue amparo para mudar a sua realidade.

Nesses casos, a escola faz encaminhamentos a órgãos como o Conselho Tutelar e conduz a família à assistência social a fim de que possam ser conscientizadas sobre o problema que tem afetado a vida escolar e social do aluno.

Ao chegar à escola, os alunos são recebidos por pessoas que vão lhes dedicar atenção e ensinar muitas coisas, logo passam a ver estas pessoas como verdadeiros heróis. NO início da caminhada escolar, é comum as crianças deixarem de focar seu referencial nos pais e focar no professor. As crianças passam a ver o professor como alguém infalível e perfeito. Entretanto, nos anos seguintes, as crianças passam a equilibrar os seus sentimentos.

Compreendem que seu referencial será tudo o que julgar necessário para construir a sua personalidade. Na escola, o indivíduo em situação de abandono e/ou violência tem a oportunidade de receber uma atenção e um carinho nunca recebido antes.

Recebe a oportunidade de sentir a presença de alguém que se preocupa com ele e também a oportunidade de ser notado e reconhecido como um ser humano dotado de sentimentos e habilidades que deverão ser desenvolvidas.

Tudo isso dependerá do profissional que trabalhará com o aluno. Enquanto há profissionais comprometidos com o seu trabalho e sua função de ensinar, há profissionais comprometidos com o seu papel social de formar cidadãos e com a sua relação com o público-alvo: os alunos. Esta pessoa tem um papel fundamental na formação de todo indivíduo.

O educador preocupa-se em conhecer o aluno para poder direcionar as maneiras de construir conhecimentos; possui sensibilidade para ouvir e compreender a fala do aluno, e, principalmente, conhece cada um dos seus educandos a ponto de perceber quando há algo lhe incomodando. O educador sabe utilizar a autoridade sem ser autoritário.

Em um ambiente acolhedor promovido pelo mesmo, a criança percebe que existe alguém que se preocupa com ela, e isso pode fazer com que a criança construa relações profundas com esse educador a ponto de mudar o rumo de sua vida, pois experimentou o reconhecimento de alguém que pode lhe influenciar positivamente.

Todavia ao se deparar com um professor autoritário e preocupado apenas com os conteúdos que a turma deverá aprender dentro de um determinado prazo, uma criança que já sofre com indiferença em casa encontra mais possibilidades de reforçar na escola as influências negativas adquiridas.

Neste momento, se não houver uma reflexão de sua prática docente, o professor poderá ter um papel decisivo para uma má formação da criança. Em meio as reações de revolta por parte dos alunos, o professor irrita-se por interromper sua aula por causa de alunos de má conduta escolar.

Ocorre ainda, que os alunos passam a serem vistos como problemas para a escola e assim as informações vão passando de professor para professor de modo que no seguinte, o novo professor já comece o tra-

balho reprimindo estes alunos.

Há uma ferramenta primordial que deve ser utilizada antes de qualquer repreensão por parte do professor: o diálogo a fim de compreender o motivo pelo qual muitas indisciplinas acontecem. Não há problema corretamente resolvido sem que haja uma reflexão sobre o motivo que levou o aluno a fazer algo errado.

Não adianta apenas reprimir, há de se buscar juntamente com o aluno, soluções para o problema que está afetando o seu desempenho escolar.

A escola precisa de profissionais que façam da escola, um lugar agradável onde os indivíduos recebam a educação dos ensinos fundamental e médio e possam seguir suas vidas honestamente após a conclusão.

Não se pode espantar os alunos da escola através de repressões constantes e exclusões.

Se todo aluno tivesse a oportunidade de perceber que alguém se preocupa com ele, a marginalidade não estaria tão numerosa como atualmente.

É necessário se conscientizar de que se o aluno não recebe atenção em casa e nem na escola, é na marginalidade que ele irá buscar.

Para casos em que os alunos possuem sérios problemas familiares, a escola parece ser a única forma de inclusão destas pessoas a fim de evitar que desenvolvam indivíduos sem valores morais, sem sensibilidade e sem amor a si próprio e aos outros.

Em meio a tantas influências negativas que rodeiam os alunos, convém que a escola continue lutando para acolher estas pessoas de modo que possa influenciá-las positivamente e distanciá-las da marginalidade.

As escolas estão conscientes de seu papel social, porém é necessário que seus profissionais desenvolvam trabalhos significativos com seus alunos, observando cada situação a fim de auxiliar seus alunos a resolverem os problemas enfrentados no cotidiano.

Assim, os alunos encontrarão na escola, um lugar seguro capaz de acolhê-lo com amor e dedicação.

É necessário também que toda equipe escolar esteja unida para auxiliar uns aos outros nesta caminhada de proteção aos alunos, pois o educador necessita de um apoio para conseguir em sua jornada que muitas vezes é difícil.

Realmente há casos muito difíceis de estabelecer uma relação afetiva, pois existem alunos que estão tão acostumados com a violência familiar que não sabem se relacionar de outra forma se não for por brigas, entretanto, para esses casos, apenas a escola pode fazer com que a realidade destes indivíduos seja transformada a fim de evitar que entrem na marginalidade.

É nas mãos da escola atual que passa o futuro de amanhã, portanto é necessário que todos se conscientizem de que a escola pode prevenir hoje o que será remediado nos presídios amanhã e passem a repensar a sua prática em um gesto de união para uma realidade melhor.

Analisando o erro, a escola precisa rever o que faz no sentido de corrigir o processo de aprendizagem de seus alunos. Um importante movimento é o de refletir sobre as diferentes formas de leitura do que é observável nestas aprendizagens. O que os alunos escrevem, o que falam, os trabalhos que fazem, as questões levantadas, suas propostas, seus projetos, suas ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma tela de relações de confiança, de afetividade, em que as emoções possam propiciar as descobertas sem sentimentos de impotência. Abrir-se para ver melhor os alunos, pode-se começar a investir nas intervenções que devem ser feitas para propiciar novas aprendizagens.

Mudar a pergunta: os alunos devem passar de ano sem saber? A escola deveria estar se perguntando: o que será melhor fazer para esse aluno aprender o que ele ainda não está sabendo como deveria? Seu exercício, portanto, seria o de tentar responder, com ações práticas, a essa pergunta.

Ao contrário, fazer a leitura dos mesmos resultados na concepção formativa levaria a preocupação e a discussão do que será preciso fazer para que os alunos que ainda não sabem realizar inferências a partir de textos mais complexos consigam desenvolver essa competência.

Assim estaríamos começando a construir outra concepção de correção: o que o aluno ainda não sabe e precisa ser aprendido e, consequentemente, mediado. Ou seja, a preocupação central não é o ano, a série, o bimestre, mas a aquisição da competência.

Essa prática demanda da escola uma discussão sobre a lógica seriada, sobre a reorganização dos tempos e espaços, para que a realidade das aprendizagens, num processo de formação amplo, possa ser o foco das ações educativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Indagações sobre Currículo. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.